



Vivian Urquidí<sup>1</sup> 

Maria Cristina Cacciamali<sup>2</sup> 

Rafaela Nunes Pannain<sup>3</sup> 

Bruno Massola Moda<sup>4</sup>   
Universidade de São Paulo, Brasil

## **Pablo González Casanova (1922-2023), um grande latino-americanista**

A **BJLAS** abre esta edição com uma justa homenagem póstuma a **Pablo González Casanova**, um grande intelectual latino-americanista e referência permanente ao pensamento crítico latino-americano. Faleceu no mês de abril de 2023, aos 101 anos de idade, mantendo até os últimos dias uma atividade intelectual e o desafio de interpretar a realidade latino-americana. Deixou, assim, um lastro de pensamento crítico na sociologia latino-americana, a começar pelo seu país, o México, apontando questões sobre a história das ideias e também sobre o Estado, a democracia, o processo de modernização política e econômica e o contraste com a situação de desigualdade e marginalidade social, além da situação da sociedade plural e a necessidade da justiça social. Militou ao longo da sua vida no campo das esquerdas, dedicando seus últimos anos a acompanhar as lutas sociais contemporâneas e autonomias indígenas zapatistas.

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É Professora adjunta da Universidade de São Paulo no Curso de Gestão de Políticas Públicas e nos Programas de Pós-graduação Integração da América Latina e de Estudos Culturais. *E-mail:* [vurquidi@usp.br](mailto:vurquidi@usp.br)

<sup>2</sup> Doutora em Economia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e na Universidad de Nueva México. É Professora titular da Universidade de São Paulo na Faculdade de Economia e Administração e no Programa de Pós-graduação Integração da América Latina. *E-mail:* [ciamali@uol.com.br](mailto:ciamali@uol.com.br)

<sup>3</sup> Mestre em Ciência Política/Relações Internacionais pela Université Paris 1 Sorbonne (2008) e doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2014). Membro do grupo de trabalho Clacso "Pueblos indígenas y procesos autonómicos", do Núcleo de Pesquisa, Diálogos Interseccionais e Epistemologias Latinoamericanas (Nupdelas) e do Grupo Mobilizações Sociais, da Universidade de São Paulo. *E-mail:* [rafaelapannain@usp.br](mailto:rafaelapannain@usp.br)

<sup>4</sup> Doutorando pelo Programas de Pós-graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo. *E-mail:* [bruno.moda@hotmail.com](mailto:bruno.moda@hotmail.com)

Por esta trajetória rica que inclui ter sido reitor da *Universidad Autónoma de México (UNAM)* – único reitor de esquerda -, recebeu dessa instituição a rara indicação de pesquisador e professor emérito pela ativa participação pela institucionalização e a profissionalização da sociologia mexicana, bem como pela criação e consolidação de centros de pesquisa entre os quais o *Centro de Estudios Latinoamericanos (CELA)*. Consagra-se, assim, como pai de uma geração importante de pensadores de diversas instituições e países da América Latina, de modo que nossa homenagem é também para um grande latino-americanista.

Iniciou sua formação no curso de Direito, área em que muitos dos cientistas sociais daquela época começavam seus estudos. Até a década de 1950, no México, assim como em outras universidades da América Latina, as Ciências Sociais e a Filosofia estavam dentro dos cursos de Direito e, como tais, submetidas às diretrizes do formalismo jurídico.

Havia já, contudo, na década de 1940, um movimento pela institucionalização das ciências sociais e humanidades, e o desenvolvimento do campo e das técnicas de pesquisa social, de modo que Pablo González Casanova pôde seguir essa trilha ingressando no mestrado no curso de *Ciencias Históricas* no *Colegio de México*. Caracterizava este programa de pós-graduação o diálogo da História com as Ciências Políticas, a Sociologia e a Filosofia ao amparo de uma geração de docentes mexicanos e, particularmente, de professores espanhóis que chegaram ao México trazendo na bagagem suas expertises e também o aprendizado com as lutas de resistência contra o franquismo e pela defesa das liberdades. Desse modo, num cenário renovado das ciências sociais e humanidades, de pluralismo das ideias e de pensamento insurgente contra as formas autoritárias do Estado, o pós-graduado aprendeu a se afastar não apenas das tendências fascistas, mas também do forte dogmatismo stalinista nos intelectuais comunistas mexicanos.

Paralelamente ao mestrado, González Casanova se vinculou também ao *Instituto de Investigaciones Sociales* (IIS) da UNAM, destacado centro de pesquisa que adotara de forma pioneira no país a disciplina de Sociologia, num ambiente propício que contava com uma das mais importantes bibliotecas especializadas em ciências sociais e de um programa de bolsas para seus estudantes.

Nesse ambiente de crítica política, renovação epistêmica e fomento para a pesquisa, o mestre se desenvolverá intelectualmente no campo da história das ideias e das pesquisas empíricas na sociologia.

As ciências sociais mexicanas recebiam naquele período importante incentivo do governo com investimentos na educação superior, principalmente a partir da década de 1930, visando alinhar a universidade aos propósitos de produzir profissionais para atuar no aparato estatal e, assim, favorecer a consolidação do projeto político e cultural nacional-populista, a partir de estudos sociais e da História do rico patrimônio cultural mexicano.

Nos ambientes acadêmicos, porém, a filiação dos intelectuais à burocracia estatal causava progressivo desconforto pela perda de autonomia e pelo gradual desgaste político do populismo e das tendências autocráticas do partido no governo, o *Partido Revolucionario Institucional - PRI*, que desde sua formação, na década de 1930, se impunha no aparato governamental sem alternância política.

Vislumbrava-se, pois, já uma crise no modelo político nacionalista pós-revolucionário, bem como tornavam-se progressivamente incontestes os contrastes da modernização econômica e industrial, com a situação de marginalidade social da população e dos povos indígenas, o que impunha a consolidação de uma ciência social rigorosa do ponto de vista teórico e metodológico, seja nos estudos sociais empíricos – vertente mais consolidada, em claro diálogo com a academia norte-americana -, ou na

matriz crítica do marxismo. Ambas as fontes de pensamento e bases epistêmicas estão articuladas nas obras de González Casanova.

Findado o mestrado, consagrou seu perfil de pesquisador na França, com um doutorado na Sorbonne sob orientação do revolucionário da historiografia, Fernand Braudel.

Nesse período, num cenário de pós-guerra na França e de efervescência do marxismo nos foros acadêmicos, González Casanova aprofundou seus conhecimentos sobre o materialismo histórico, encontrando nas diversas correntes marxistas aquela que mais lhe interessaria, a do filósofo italiano Antonio Gramsci. Na análise das estruturas de poder e dominação, e no reconhecimento da importância da luta ideológica e cultural como um elemento fundamental na reprodução das desigualdades e da exploração, González Casanova pôde pensar melhor o contexto latino-americano e as estruturas culturais e simbólicas que sustentam a *Hegemonia*. Nesta perspectiva, o conceito de democracia ganha o sentido mais abrangente do poder de base popular, o que incluiria a organização e a participação da sociedade civil pelo caminho das lutas das classes populares na transformação das dinâmicas políticas e sociais locais e da justiça social. A democracia seria um método de governo, enquanto que a luta pelo socialismo seria o caminho da organização popular.

No doutorado, González Casanova realiza uma análise – que é também uma denúncia – sobre a historiografia europeia e o modo como ela explica a realidade hispano-americana entre os séculos XVI e XVIII, observando sua influência na interpretação, nos projetos e nas ideologias com que autores hispano-americanos analisam a própria história, permeada de preconceitos e eurocentrismo.

Com essa rica acumulação de conhecimentos e novas preocupações sócio-históricas, de retorno ao México, já na década de 1950, González

Casanova se reincorpora à pesquisa no *Instituto de Investigaciones Sociales* da UNAM e à academia na *Escuela Nacional de Ciencias Políticas y Sociales* (ENCPyS, futura *Facultad de Ciencias Políticas y Sociales*) desta Universidade. No período entre 1957 e 1965, assume a Direção da ENCPyS com um projeto de profissionalização da sociologia no México, e neste cargo, em 1960, cria o *Centro de Estudios Latinoamericanos* (CELA), um espaço e marco fundamental para a constituição do pensamento social latino-americano e de estudos políticos e socioeconômicos sobre a América Latina e o Caribe. Desde sua criação, a clara convicção *latino-americanista* - estimulada pela recente Revolução Cubana - em perspectiva interdisciplinar, deu ao Centro as bases para desenvolver um pensamento crítico e pesquisas sobre a região, além de favorecer as condições para o acolhimento progressivo, nas próximas décadas, de intelectuais e pensadores influentes – principalmente marxistas - provindos de outros países da América Latina onde o campo científico da sociologia também vinha se consolidando desde a década de 1950, principalmente no *Instituto de Sociología* da *Universidad de Buenos Aires*; e na escola crítica brasileira, na trilha de Florestan Fernandes, na *Universidade de São Paulo*.

A centralidade acadêmica do CELA desde a década de 1960 na produção de conhecimento sobre a América Latina e o Caribe – a pós-graduação em *Estudios Latinoamericanos* será criada logo, em 1973 - tem a ver com o inegável compromisso da universidade mexicana, enquanto o México se constituía como país de asilo de intelectuais oriundos de países latino-americanos governados por ditaduras, principalmente a partir das décadas de 1960 e 1970. A UNAM recebeu cientistas sociais de alto nível de produção de pensamento e pesquisa, tais como os equatorianos Bolívar Echeverría e Agustín Cueva, o boliviano René Zavaleta Mercado, os brasileiros Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra, Sérgio Bagu e Ruy Mauro Marini, os chilenos Hugo Zemelman e Orlando Caputo, e, entre outros, os argentinos Gregorio Selser, Adolfo Gilly e José Aricó, além dos salvadorenos Rafael Menjivar Larín, Rafael Guidos Béjar e

Ernesto Richter. Muitos deles foram acolhidos no *Centro de Estudios Latinoamericanos*, resultando em estudos vanguardistas sobre a região.

Neste momento de afluência das mais lúcidas mentes latino-americanas e *latino-americanistas*, em 1969, realiza-se o IX Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia (ALAS) no México, em que Pablo González Casanova será eleito presidente da Associação (na década de 1980, exercerá o cargo novamente). Anteriormente, já tinha também ocupado o cargo de Diretor e Presidente da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (1957-1965).

O contexto de golpes de Estado na América Latina, de lutas de *libertação* com horizontes revolucionários, bem como de crise política e progressivo déficit democrático no México constituíram o cenário para que González Casanova escrevesse em 1965 uma de suas obras mais influentes e marco dos estudos sociais e políticos, *La Democracia en México*.

Na obra, González Casanova analisa as contradições de um México que se moderniza econômica e politicamente, mas que é incapaz de superar a situação interna de subdesenvolvimento e marginalidade social. Com essa obra, se abre um debate sobre as estruturas de dominação, o conformismo e a desigualdade social, e se propõem, também, alternativas pela mobilização política e a luta social para a construção democrática. A obra se ancora numa pesquisa histórica e também empírica com interpretações críticas no campo marxista sobre o *relativo conceito de democracia* –considerado o caráter eurocêntrico do conceito e experiências de referência –, e deste modo, permite compreender um México determinado por relações políticas, sociais, econômicas e culturais de herança colonial embrenhadas na história pós-revolucionária. O estudo trata da natureza da crise política mexicana a partir da crítica ao populismo, o que exigia repensar o papel do Estado - enfraquecido pelos poderes econômicos locais e de frágil soberania perante os Estados Unidos -, e as

tendências autoritárias, além da ausência de pluralidade partidária. Tendo em vista o horizonte socialista, o autor critica a falta de autonomia sindical, em cenários de manipulação política e conformismo, e a situação das organizações populares e das classes marginalizadas, desafios centrais de um projeto democrático. Cabe destacar que neste período, nas zonas rurais e urbanas, surgiram movimentos, inclusive armados, que seriam fortemente reprimidos pelo Estado. Uma análise deste período é apresentada neste número da revista pela historiadora Larissa J. Riberti, no artigo ***As condições para o surgimento do movimento armado socialista do México e a contrainsurgência entre as décadas de 1960 e 1980.***

Corresponde a este período, entre os anos 1970 e 1972, a nomeação de González Casanova como reitor da *Universidad Nacional Autónoma de México*, período em que tentou realizar profundas transformações pedagógicas na instituição, como a participação da comunidade universitária nos debates que levariam à tomada de decisões sobre a estrutura - acadêmico-científica e física - da universidade. Contudo, a reação institucional - com o risco de invasão policial e perda da autonomia universitária - induz González Casanova a apresentar no segundo ano da sua gestão a renúncia.

Numa América Latina convulsionada, tais cenários não eram estranhos quando se tratava de pensar as democracias do resto dos países latino-americanos.

Neste livro clássico da sociologia mexicana - de fato, não apenas nele -, González Casanova desenvolve uma das compreensões mais sofisticadas para interpretar também a realidade latino-americana, qual seja a do *Colonialismo Interno*, conceito analítico que logo repercutirá na sociologia e na antropologia latino-americanas. Na compreensão de González Casanova, o “*colonialismo interno*” caracteriza as experiências dos países marcados pela situação de “*marginalidade*” social e pela “*pluralidade*”

social” - hoje dir-se-ia pela *heterogeneidade sócio-histórica e cultural*. Define particularmente o tratamento aos povos indígenas e às populações rurais, com os quais se estabelecem relações do tipo colonial, semelhantes às relações entre metrópole e colônia. No *colonialismo interno*, a luta de classes tem conteúdo de luta de nações culturalmente distintas dentro do mesmo país, sendo que o segmento que domina a política e a economia é étnica e culturalmente distinta ao segmento dominado, o das nações indígenas.

Neste número da **BJLAS**, abrimos a edição com o artigo oportuno ***Por uma sociologia para a emancipação: Pablo González Casanova e a sociologia militante latino-americana*** da socióloga Lia Pinheiro, docente e pesquisadora na *Universidade Estadual de Ceará (UECE, Brasil)*, em que as contribuições teóricas e a atualidade dos conceitos e do pensamento de González Casanova são minuciosamente tratadas.

Sabe-se que o pensamento crítico latino-americano nasceu dos desafios de pensar a complexidade regional a partir da produção de um conhecimento local e com a urgência política da transformação. González Casanova assumiu este compromisso no campo das esquerdas a partir do materialismo histórico, mas sem ortodoxia. No livro também clássico, *Sociología de la Exploración* (1969), ele defende a vigência das categorias marxistas, mas critica as vertentes mais ortodoxas e deterministas sobre as etapas do capitalismo. Aos dependentistas é dirigida a crítica de negligenciar a teoria do valor. Dialoga com o estrutural-funcionalismo, mas expõe sua rejeição ao falso rigor empirista das teorias da modernização.

As contribuições da obra de González Casanova, e a recepção do seu trabalho ao longo da América Latina, são testemunhos incontestes da validade das suas estratégias epistêmicas plantadas na direção na ENCPyS e, posteriormente, no *Instituto de Investigaciones Sociales*, onde se formaram pesquisadores de e para a América Latina. Nas próximas

décadas, novas gerações de teóricos sociais *latino-americanistas*, bem como ativistas e militantes – inclusive da luta armada –, além de intelectuais indígenas vão se nutrir das reflexões de González Casanova.

A volumosa obra de González Casanova inclui 24 livros, como os clássicos já citados *La Democracia en México* (1965) e a *Sociología de la Exploración* (1969), além de *Imperialismo y Liberación en América Latina* (1990). Organizou duas coletâneas centrais que favoreceram o diálogo entre intelectuais da região. A primeira reúne estudos sobre a situação dos camponeses indígenas na América Latina, e a segunda trata da história dos países da região ao longo de cinco décadas do século XX, ambas editadas pela *Siglo Veintiuno*. A coletânea “*Historia Política de los Campesinos Latinoamericanos*” foi publicada em cinco volumes entre 1984 e 1985; a segunda coletânea “*América Latina: Historia de medio siglo*”, foi editada em dois volumes publicados em 1977 (no Brasil, “*América Latina: História de meio século*”, em quatro volumes, foi traduzida pela Editora da UNB e lançada em 1988).

Escreveu também sobre a Revolução Cubana, as lutas armadas em Guatemala, El Salvador, Nicarágua e Colômbia; o golpe contra a Unidad Popular no Chile; o Che na Bolívia... e a insurreição chiapaneca, esta última já num cenário em que o horizonte revolucionário socialista havia desaparecido dos projetos políticos das esquerdas, e a democracia consolidada era a neoliberal. Aos 96 anos, o *Comité Clandestino Revolucionario Indígena del Ejército Zapatista de Liberación Nacional* lhe outorgou o digno título de *Comandante do EZLN Pablo Contreras*, em reconhecimento ao apoio ao movimento no processo de paz, por sua luta para o cumprimento dos acordos de San Andrés, e também pelos artigos, conferências, manifestos e participação em eventos ao lado dos zapatistas. O Comandante “*Contreras*” recebeu o codinome pelo pensamento sempre crítico e independente, insurgente, atuando incansavelmente ao lado dos povos indígenas e dos oprimidos.

Os novos desafios do neoliberalismo e a consolidação do sistema mundo o fizeram repensar e atualizar, já no século XXI, o conceito de *colonialismo interno* à luz das novas formas de acumulação das redes empresariais e financeiras transnacionais, dos limites dos poderes e das funções do Estado, do desmonte da classe operária e da crise do Estado-Nação. Ele vislumbrou também com esperança a necessidade de apostar no internacionalismo das novas resistências antissistêmicas e nas lutas revigoradas dos povos indígenas do novo século. Seu pensamento, assim, manteve-se atual e por isso será constantemente resgatado nos desafios dos povos oprimidos do século XXI, nas reconfigurações de Estados (pluri)nacionais e sempre quando a urgência política das pendências sociais históricas da América Latina e do Caribe assim o exigirem.

A ***Brazilian Journal of Latin American Studies*** deseja dedicar o número 45 a este pensador latino-americano e ativista do mais legítimo e autêntico latino-americanismo.

Cabe ainda um destaque final nesta homenagem. Pablo González Casanova teve diversas passagens pelo Brasil, pelo *Centro Latino-americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS)*, instituição de pesquisa e ensino criada com apoio da UNESCO, em 1957, com o propósito de promover a formação e pesquisa nas ciências sociais, exclusivamente sobre América Latina. González Casanova foi presidente da CLAPCS por duas vezes, em 1961-1962 e em 1965-1966. No período entre 1959 e 1976, o Centro publicou a revista "*América Latina*", cuja relevância destacamos em continuação.

Assim como González Casanova, o CLAPCS recebeu outro grande intelectual mexicano, o antropólogo Rodolfo Stavenhagen, que além de assumir a Secretaria Geral do CLAPCS (entre 1962 e 1964) foi editor da revista "*América Latina*", onde foram publicados, cabalmente, os artigos

que compõem um dos debates e diálogos mais profícuos sobre um conceito que nascia, *Colonialismo Interno*. Saber-se-ia, depois, que o conceito foi mencionado anteriormente num Seminário do CLAPCS, pelo sociólogo norte-americano Charles W. Mills. A revista "*América Latina*" foi o âmbito em que, na edição número 3, publicada em 1963, Pablo González Casanova elaborou suas primeiras reflexões sociológicas sobre o conceito num artigo intitulado "*Sociedad Plural, Colonialismo Interno y Desarrollo*". No número seguinte, na edição número 4 do mesmo ano, o conceito apareceu novamente em um artigo de Rodolfo Stavenhagen, sob o nome de "*Clase, Colonialismo y Aculturación*", em que os aspectos culturais do conceito começavam a ser formulados. Um debate intelectual assim foi iniciado. Dialogando com ambos, também no número 3 da revista, o antropólogo brasileiro, Roberto Cardoso de Oliveira publicou o artigo "*Articulação e 'Fricção Interétnica'*" em que o *Colonialismo Interno* ganhava o sentido de denúncia ao papel dos antropólogos nas políticas assimilacionistas sobre as populações indígenas.

Verifica-se que em determinados momentos, a realidade complexa pode colocar questões que exigem dos pensadores respostas criativas, questões que progressivamente se tornarão conceitos explicativos e analíticos centrais, ideias geradoras ou verdadeiros marcos referenciais de novas compreensões comuns sobre a complexidade. González Casanova esteve sempre na vanguarda de projetos intelectuais sobre a América Latina, iluminando com sua sensibilidade latino-americanista o caminho das ciências sociais na região.

Esta homenagem não será artigo de referência sobre o autor, cuja obra ultrapassa em muito o relato singelo destas palavras. Foram apenas destacados aspectos da produção latinoamericanista e atuação política do pensador como reconhecimento da sua obra e do sentimento que sua ausência nos deixa. Para tal, nos baseamos em estudos de pesquisadores que sintetizaram o percurso da institucionalização da sociologia na

América Latina (TAVARES DOS SANTOS; BAUMGARTEN, 2005; TRINDADE, 2018), que trilharam a obra e alguns conceitos centrais do autor (GANDARILLA, 2017; ROITMAN ROSENMAN, 2015; HERNÁNDEZ NAVARRO, 2015[2007]); e que se debruçaram sobre a passagem de González Casanova pelo Brasil (BRINGEL; LEONE, 2021), além das próprias obras do pensador, reunidas em valiosa antologia (GONZÁLEZ CASANOVA, 2015).

Uma análise muito original sobre Pablo González Casanova poderá ser encontrada neste número 45 da ***Brazilian Journal of Latin American Studies*** elaborado pela pesquisadora da *Universidade Estadual do Ceará (UECE, Brasil)*, Lia Pinheiro Barbosa. A socióloga segue a obra de González Casanova pelo caminho que vincula a teoria crítica e a prática transformadora. Inicia a tarefa pela análise da *sociologia da exploração*, apresentando conceitos centrais, como o *colonialismo interno*, para progressivamente desvendar o projeto político do autor em termos de autonomia de classe, o que incluirá uma análise das lutas populares, como a do movimento indígena zapatista. O artigo intitula-se ***De uma sociologia para a emancipação: Pablo González Casanova e a sociologia militante latino-americana.***

O segundo artigo é uma análise do cenário histórico das décadas pós-revolucionárias no México em que se observam a inclinação progressiva ao enrijecimento do regime político sob o Partido Revolucionário Institucional (PRI) e a crescente tendência à repressão da oposição política de outros partidos como o *Partido Comunista*, o *Partido Popular* ou o *Partido Obrero Campesino de México*. No artigo intitulado ***As condições para o surgimento do Movimento Armado Socialista do México e a contrainsurgência entre as décadas de 1960 e 1980*** a historiadora social, Larissa Jacheta Riberti, da *Universidade Federal de Rio Grande do Norte (UFRN, Brasil)* analisa a repressão contra a população organizada e contra os partidos políticos de oposição, além do controle da imprensa e o uso violento do aparato militar e paramilitar. Paralelamente,

explica o modo como surgem os grupos de luta armada de ideologia socialista, além de outras mobilizações populares, como as de camponeses indígenas, nas áreas rurais, ou a dos estudantes universitários. O *Massacre de Tlatelolco*, o *Halconazo*, entre outros, são os episódios narrados deste período, pois explicam a emergência do *Movimiento Armado Socialista* do México.

Em diálogo com o filósofo Michael Foucault e o conceito de *soberania*, o próximo artigo que apresentamos na **BJLAS** trata dos governos progressistas latinoamericanos das últimas décadas e dos projetos de inclusão social. Em estilo de ensaio, se observa que a gestão das políticas de inclusão é ineficaz por não conseguir superar a hegemonia neoliberal e, também, pela confluência dessa hegemonia com a carga ideológica da colonialidade ainda vigente tanto nas elites/oligarquias como nos segmentos médios - aqui caracterizadas como *clases reinantes*. Além disso, os governos estão limitados pela autonomia relativa do Estado perante os capitais empresariais internos e externos, bem como pela interferência dos Estados Unidos. Nesse cenário, deve-se concluir que os governos progressistas não apenas ficaram marcados pelo insucesso das políticas sociais, como também porque agora enfrentam um tipo de violência paraestatal que se soma às formas históricas da violência de longa duração e limitam o sucesso da inclusão social. O artigo intitulado **América Latina: La trampa para las clases reinantes** é de Marcos Cuevas Perus, pesquisador do *Instituto de Investigaciones Sociales da Universidade Nacional Autónoma de México* (IIS/UNAM, México).

O quarto artigo deste número dialoga a partir da arte com as análises já apresentadas. Sob o título de **“El marxismo dará salud a los enfermos”**: **Ideia-chave da Medicina Social Latino-americana**, Diego de Oliveira Souza, pesquisador da *Universidade Federal de Alagoas (UFAL, Brasil)*, estabelece vínculos criativos entre a filosofia da Medicina Social e as artes plásticas engajadas e assim contribui para a história do pensamento e da

arte latinoamericanos. A partir da interpretação de uma pintura da mexicana Frida Kahlo - reconhecida pelos autorretratos inspirados no México pós-revolucionário - o artigo relaciona questões da identidade nacional mexicana com preocupações políticas sobre a classe, as relações raciais e a situação das mulheres. De fato, tal leitura da realidade tem a ver não apenas com suas posições políticas como membro do Partido Comunista Mexicano, mas também com sua própria experiência da dor. Neste artigo, Diego de Oliveira Souza interpreta a pintura "*El Marxismo dará salud a los enfermos*" (1954), a partir das formulações de Georg Lukács sobre estética e política. A originalidade desta análise reside em que o autor, formado em Serviço social, faz dialogar sua área de conhecimento com a história da medicina e da arte. Contextualiza a vida de Frida Kahlo, sua obra, sua filiação ideológica no marxismo e sua atuação política no partido comunista mexicano. Também coloca tal cenário, dentro de um momento histórico mais amplo, o latino-americano em que a Medicina Social surge com preocupações também marxistas e críticas ao modo como a modernização e a economia de mercado transformam a saúde em mercadoria. Desse modo, o artigo nos permite recompor os diversos cenários das décadas pós-revolucionárias no México.

As possibilidades que a arte permite de representar os dilemas políticos e sociais contemporâneos é a temática do quinto artigo publicado na **BJLAS** sob o título de ***Em busca de um cinema simbiótico: Shun da equatoriana Sani Montahuano e Yollotl do mexicano Fernando Colin Roque***. O artigo analisa dois curtas-metragens que, mediante a linguagem do cinema, permitem realizar *simbioses* entre humanos e não humanos. A proposta se valoriza com referências ao pensamento ameríndio, permitindo questionar aspectos da sociedade contemporânea - como a crise ambiental - e oferecendo saídas a partir de uma releitura dos saberes ancestrais. Ambos os curtas-metragens são interpretados pela pesquisadora e criadora visual Lucía Fernanda Romero Paz y Miño, da

*Universidad Andina Simón Bolívar (UASB, Ecuador)*, e foram produzidos pela cineasta indígena equatoriana Sani Montahuano, que ainda agrega elementos femininos, e pelo também cineasta Fernando Colin Roque, indígena mexicano.

O artigo que vem a seguir estabelece um diálogo das artes com as ciências sociais. O autor é o sociólogo Dédallo Neves, da *Universidade Federal do Paraná (UFPR, Brasil)*, que apresenta uma pesquisa sobre o impacto da Revolução Cubana na obra de poetas e intelectuais brasileiros. A fonte que o cientista utiliza é uma antologia de poemas, intitulada *Violão de Rua* (três volumes), e organizada pelo escritor e pesquisador Moacyr Félix, entre 1962 e 1963. Como militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), Félix incluiu na antologia escritos de autores como Ferreira Gullar, Affonso Romano de Sant'Anna e Geir Campos, com versos sobre a Revolução Cubana, Che Guevara e as Ligas Camponesas. Na prosa dos poetas, estão os ideais antiimperialistas e de superação do capitalismo, além da esperança no Terceiro Mundo, nas lutas dos trabalhadores proletários e dos camponeses, bem como o desejo de orientar o rumo do povo brasileiro em direção à Revolução. São temáticas que ecoam o impacto da Revolução Cubana, em que os horizontes de transformação radical da sociedade compunham o que o autor do artigo, Dédallo Neves, chama de “brasilidade revolucionária”. O nome do artigo é ***A Revolução Cubana entre artistas e intelectuais brasileiros: o caso de Violão de Rua.***

Os quatro últimos números desta revista garantem a diversidade temática das publicações na ***BJLAS***, pois são artigos no campo do Direito, da História, das Ciências Políticas e da Economia. Todas as propostas trazem modelos teóricos para interpretar ou intervir na realidade.

A partir da constatação de que na América Latina não existe tutela interna efetiva dos Direitos Humanos, o artigo intitulado ***O pluralismo jurídico como alternativa para a América Latina em âmbito***

**supranacional de proteção multinível de Direitos Humanos** é uma proposta e um exercício de pensar as possibilidades de construir um sistema de proteção supranacional que complemente as políticas nacionais de garantia dos direitos. O estudo analisa as possibilidades e virtudes das alternativas de proteção supranacional, apostando especificamente no pluralismo jurídico. Com prudência, discutem-se também as limitações dessas alternativas, principalmente no relativo a questões legais ou aos aspectos culturais internos de cada país, como por exemplo, a presença de povos indígenas com formas próprias de exercício da justiça. O artigo é escrito pelos cientistas jurídicos Guilherme Marinho de Araújo Mendes e Claudyvan José dos Santos Nascimento Silva, ambos da *Universidade Federal da Paraíba (UFPB, Brasil)*.

No artigo seguinte, o exercício teórico é interpretar o populismo na América Latina, especificamente o Peronismo argentino entre os anos 1946 a 1955, tendo como ferramenta a Metafísica do Tempo Histórico e o pressuposto das múltiplas temporalidades, conforme modelo do alemão Reinhart Koselleck. A abordagem permite analisar as convergências temporais no discurso populista de Perón e do povo argentino. A fonte de pesquisa são os documentos oficiais dos discursos de Perón. O artigo intitula-se **O presente peronista: “Espaço de experiência” e “Horizonte de expectativa” no discurso populista de Juan Domingo Perón (1946-1955)** e foi escrito pela pesquisadora em História, Ana Laura Galvão Batista, da *Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP, Brasil)*.

A Venezuela dos governos chavistas é o *locus* do próximo artigo. A proposta é utilizar um modelo metodológico que distingue recortes temporais ou ciclos políticos, em que se analisam as conjunturas críticas dos ciclos, e o resultado em termos de democratização ou não. O primeiro momento interpretado é o das transformações do governo Hugo Chávez, cujo conteúdo seria a democratização social e política. No segundo

momento, avalia-se a fase de desdemocratização da experiência chavista, principalmente depois da morte do Chávez, quando se inicia a gestão de Maduro. Esta segunda fase, caracterizar-se-ia como o ciclo da (des)democratização. A proposta é de Jefferson Nascimento, cientista político do *Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ, Brasil)*, e se intitula **Conjunturas críticas, mudanças de ciclos políticos e desdemocratização na Venezuela ao longo dos governos chavistas**.

O último artigo da revista é também um exercício teórico de análise de duas experiências de industrialização na Argentina e no Brasil em meados do século passado, a partir de dois autores: Nicholas Kaldor (1908-1986) e Raúl Prebisch (1901-1986), aqui colocados em comparação e, conforme se conclui, complementares quando se trata do crescimento e do desenvolvimento econômico. O artigo é intitulado **Kaldor e Prebisch: Reflexões sobre a industrialização e as economias de Brasil e Argentina** e foi escrito por Francisco Thainan, cientista econômico da *Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP, Brasil)*.

Como projeto editorial, a **Brazilian Journal of Latin American Studies** apresenta no final de cada número resenhas de livros publicados recentemente sobre a América Latina e o Caribe, e também de obras consagradas pela literatura regional ou escritas por autores de importante trajetória intelectual sobre esta região.

A primeira obra resenhada é uma organização no campo da história das ideias e da história dos conceitos sobre a formação das identidades latino/hispano/ibero-americanas. Em **Uma América Latina em constante (re)definição**, Igor Lemos Moreira, da *Universidade do Estado de Santa Catarina (UESC, Brasil)* faz uma resenha detalhada dos capítulos do livro *Continente por Definir: As Ideias de América no século XX* organizado por Eliana Regina de Freitas Dutra e Jorge Myers.

A segunda resenha é um clássico da literatura de gênero latino-americana. Na resenha ***Flora Tristan e o sistema de justiça patriarcal: a insurgência de “Peregrinações de uma Pária”***, a pesquisadora do *Instituto Saúde e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo (ISS/UNIFESP, Brasil)*, Joana das Flores Duarte, apresenta o livro *As peregrinações de uma pária* em que a autora, Flora Tristán, trata da sua viagem ao Peru desde a França, como uma obra testemunhal da sua relação com o país e de sua posição política contra o sistema de justiça patriarcal. No Peru, Flora Tristán escreveu suas memórias no início do século XIX, o que a transforma numa autora de vanguarda do movimento feminista e sua obra em clássico da literatura latino-americana escrita por uma mulher.

A última resenha versa sobre o pensamento econômico latino-americano e foi elaborada por Héctor López Terán, da *Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)*. A resenha preserva o título do livro ***El desafío del desarrollo. Trayectorias de los grandes economistas latinoamericanos del siglo XX*** [O desafio do desenvolvimento. Trajetórias dos grandes economistas latino-americanos do século XX], organizado por Juan Odisio e Marcelo Rougier. Intelectuais como Aníbal Pinto, Víctor Urquidí, Carlos Mallorquin e Celso Furtado, entre outros, são destacados na resenha.

## Referências

BRINGEL, Breno; LEONE, Miguel. La construcción intelectual del concepto de Colonialismo Interno en América Latina: Diálogos entre Cardoso De Oliveira, González Casanova y Stavenhagen (1959-1965). **Mana**, v. 27, n. 2. p.1-36, 2021. DOI: <http://doi.org/10.1590/1678-49442021v27n2a204>

GANDARILLA, José. Notas sobre la construcción de un instrumento intelectual. El “colonialismo interno” en la obra de Pablo González Casanova.

**Pléyade**, n. 21, jan-jun. 2018. DOI:  
<http://dx.doi.org/10.4067/S0719-36962018000100141>

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **De la sociología del poder a la sociología de la explotación: Pensar América Latina en el siglo XXI**. Buenos Aires: Siglo XXI/CLACSO, 2015. Disponível em:  
<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/coedicion/casanova/casanova.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2023.

HERNANDEZ NAVARRO, Luis. A Don Pablo. In: GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **De la sociología del poder a la sociología de la explotación: Pensar América Latina en el siglo XXI (Antología)**. Buenos Aires: Siglo XXI/CLACSO, 2015. Disponível em:  
<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/coedicion/casanova/22.pdf>.

Acesso em: 29 jun. 2023.

ROITMAN ROSENMANN, Marcos. Pablo González Casanova: de la sociología del poder a la sociología de la explotación. In: GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **De la sociología del poder a la sociología de la explotación: Pensar América Latina en el siglo XXI (Antología)**. Buenos Aires: Siglo XXI/CLACSO, 2015[2007]. Disponível em:  
<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/coedicion/casanova/01.pdf>.

Acesso em: 29 jun. 2023.

TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente; BAUMGARTEN, Maíra. Contribuições da Sociologia na América Latina à imaginação sociológica: análise, crítica e compromisso social. Dossiê Sociologia na (em) América Latina, ALAS, **Sociologias**, v. 7, n. 14, jul/dez 2005, p. 178-243. DOI:  
<https://doi.org/10.1590/S1517-45222005000200009>

TRINDADE, Hélgio, “Disciplinarização” e construção institucional da sociologia nos países fundadores e sua reprodução na América Latina. **Sociologias**, v. 20, n. 47, jan/abr 2018, p. 210-256. DOI:  
<https://doi.org/10.1590/15174522-020004707>

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.214626](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.214626)

Recebido em: 30/07/2023  
Aprovado em: 30/07/2023  
Publicado em: 30/07/2023